

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

A EUROPA NO SEU LABIRINTO

por Mário Soares

1. A reunião dos 27 Estados da União realizada em Bruxelas, em 19 do corrente mês de Junho, não deu o passo em frente que se esperava: criar um Governo económico para gerir o fundo monetário europeu, destinado a valer aos Estados europeus em dificuldades, por pertencerem à zona euro. O tema desapareceu mesmo dos jornais e das televisões. Mas ninguém perguntou porquê. Reaparecerá na próxima reunião do G20 - onde têm assento as grandes economias mundiais - que irá ter lugar no final do corrente mês? É pouco provável. Aí as preocupações serão outras.

Contudo, a ideia tinha sido lançada pela Chanceler Merkel e foi, depois, bem acolhida pelo Presidente Sarkozy. Mas como, na citada reunião, estiveram presentes os 27 Estados-

membros - e não só, especialmente, os aderentes à moeda única - houve um adiamento, quanto à governação do fundo ou talvez mesmo um recuo definitivo. Não sei.

O certo é que mais uma vez, os dirigentes europeus deram mostras de pouca coragem ou não quererem encarar a realidade da segunda crise - que resulta do ataque especulativo ao euro - e implica, para a resolver, reformas estruturais, que conduzem a um novo modelo de desenvolvimento, como têm insistido os reputados economistas (prémios Nobel) Joseph Stiglitz e Paul Krugman, entre outros.

Em vez disso, resolveram lançar uma "operação verdade" para tornar transparente a situação dos bancos europeus e para lhes entregar o encargo de velar pelas medidas necessárias, a tomar pelos Estados, para reduzir os déficits e o endividamento externo, tanto público como privado.

Tratou-se de criar mais austeridade, apertando os vencimentos e aumentando o IVA, certos impostos, taxas e outras medidas que pouco atingem os mais favorecidos e que são muito

gravosas para as classes menos abastadas. É a teoria que tem uma expressão clara: "os pobres que paguem a crise"...

É óbvio, assim, que se abre o caminho de novo às concepções neo-liberais, cujo paradigma esteve na origem da crise de 2008, conduzindo, necessariamente, à recessão e impedindo (ou reduzindo) o crescimento da União Europeia, no seu conjunto. É a doutrina, que se julgava ultrapassada e obsoleta, cara ao Banco Central Europeu e talvez ao Fundo Monetário Internacional, apesar de algumas frases em contrário, ditas pelo actual Presidente, Dominique Strauss-Kahn.

Deste modo, a União Europeia, pela insensibilidade dos seus actuais dirigentes, continua a não pensar que é necessário mudar o modelo de desenvolvimento - nem põe isso sequer à discussão no Parlamento Europeu, como devia - afastando-se, perigosamente, dos Estados Unidos e deixando-se isolar num monte de contradições, que levam, mais uma vez, à paralisia. Lembro de novo o relatório dos sábios, presidido por Felipe Gonzalez, sobre o futuro da União, onde se escreve: "ou a União muda de modelo estratégico ou, a continuar assim, ficará uns vinte ou trinta anos como um insignificante território, apêndice da Ásia,

sem poder económico nem qualquer influência na cena internacional"...

O modelo social europeu, que é uma das grandes referências, para o Mundo inteiro, do progresso da União e do seu avanço civilizacional em relação ao resto do Mundo, poderá, sem crescimento económico, perder a sua sustentabilidade, como os economicistas já nos começam a prevenir. O que seria um tragédia em si mesma - para as populações europeias - e porventura conduziria a múltiplas convulsões sociais, à violência e a revoltas difíceis de conter. Um cenário de catástrofe dificilmente aceitável.

As populações europeias que serão as primeiras vítimas, desta perspectiva, não podem - nem devem - aceitá-la. Apertar os cintos - e reduzir drasticamente os níveis de vida - para quê? Para manter um modelo monetarista ultrapassado e que contem em si graves riscos?

Não foi assim que se saiu da crise de 1929. Foi, nos Estados Unidos, recorrendo a um modelo de intervenção Keynesiano, aplicado com extrema coragem por Franklin Roosevelt. Na Europa, pelo contrário, desgraçadamente, com o

nazi-fascismo e a guerra de Espanha e o seu aliado, Portugal, puseram-se em causa os Direitos Humanos e a Democracia, atirando o Mundo para a mais cruel guerra de sempre.

Não esqueçamos os ensinamentos da História que, como diz o Povo, "é mestra da vida"... Tenhamos a consciência de que a União Europeia, em virtude da incapacidade dos seus dirigentes, atravessa a mais grave crise da sua história e corre o risco de se desagregar. As duas colunas do templo europeu - a unidade entre os Estados-membros e a solidariedade entre todos - estão em risco de desaparecer. Não podemos voltar aos nacionalismos obsoletos e esquecer a unidade e a solidariedade. Seria como destruir o mais belo e original projecto político, de paz e de bem-estar social, de sempre. O que seria o mesmo que matar a galinha dos ovos de ouro...

Os grandes países europeus

2. Basta analisar os chamados grandes países europeus para perceber que nenhum hoje tem dimensão, densidade populacional ou poder económico - mesmo os que foram capitais de impérios - para se poder comparar com qualquer dos colossos emergentes: Brasil, Rússia, Índia ou China, para já não falarmos

dos Estados Unidos, Canadá, Austrália ou Japão. É por isso que todos precisam - para se imporem na cena mundial - do reforço da União Europeia, desde que avance com um governo próprio de tipo necessariamente federal. É o que os chamados, impropriamente, grandes países europeus não querem, por preconceito e porque desejam ser eles, através dos seus governos nacionais, a mandar.

Este é um dos impasses europeus. O motor franco-alemão entrou em derrapagem. A dupla Merkel/Sarkozy parece não ser capaz de se entender como as suas congéneres anteriores. Pela primeira vez são duas personalidades da Direita conservadora que governam a União. Aliás, a Alemanha, que se tornou mais forte do que a França e com uma área a Leste, a que se sente muito ligada, com a nova coligação democrata-cristã/liberal, começou a desvalorizar, quanto a mim mal, o valor insubstituível da União. Apesar da actual coligação alemã correr riscos, que se não devem menosprezar, de entrar em colapso, se a CDU vier a perder as eleições presidenciais...

Quanto à França, o Presidente Sarkozy está no mais baixo das sondagens. Os cortes orçamentais que têm vindo a ser feitos para não ultrapassar a meta dos 3% do deficit, como impõe o

Banco Central Europeu, têm estado a provocar reacções em cadeia em múltiplos sectores, sem perder de vista que as presidenciais se aproximam. Dominique de Villepin está já no terreno, desde 19 de Junho, a fazer campanha contra o seu rival Sarkozy, dividindo ao mesmo tempo o Centro Direita. Em tempo de crise aguda, a política está a tornar-se particularmente incerta e complexa.

O Reino Unido, por sua vez, nunca esteve tão enfraquecido, económica e monetariamente. Mas também no plano político. A coligação conservadora/liberal tem problemas internos que não auguram um futuro nada tranquilo. Não se entendem quanto ao papel que devem jogar na Europa nem quanto às medidas para ultrapassar a crise. Custa ver a desagregação e a falta de rumo de um país, que outrora deu cartas ao Mundo.

A Itália, país europeísta por excelência, está numa decadência profunda com Silvio Berlusconi. Deixou de contar na Europa e no Mundo e vive debruçada sobre o seu próprio umbigo. A Máfia e a Camorra contam indiscutivelmente num Estado cujo rumo é singularmente incerto, tanto económica como politicamente. Faz pena, um país de tão grandes tradições culturais, científicas e artísticas e também políticas, em matéria de

liberdade e de justiça social - com um Presidente de tão grande qualidade moral e política, como Giorgio Napolitano - a terra de Bobbio, Nenni, de Gasperi, Moro e Andriotti, se encontra hoje num tão grande impasse.

São apenas quatro aspectos de grandes Estados - os maiores dos 27 - mas dão-nos bem a ideia da crise político-institucional e de valores em que a Europa se encontra, para não referir os problemas financeiros e económicos que também a afectam. E no entanto, a esperança em melhores dias não nos deve abandonar. Atrás de tempo, tempo vem...

Uma perda nacional

3. A notícia da morte de José Saramago, para mim inesperada, provocou-me uma enorme comoção e tristeza. Pertencíamos à mesma geração, conhecíamos-nos desde os nossos anos de juventude e tinha por ele uma enorme admiração, como escritor, desde que li o Memorial do Convento e O Ano da Morte de Ricardo Reis.

Tivemos um período de afastamento total, durante o PREC e quando exerceu as funções de Director do Diário de

Notícias. Foram, contudo, os dois livros citados, que li quando foram sucessivamente publicados, que me levaram, quando era primeiro-ministro, a escrever-lhe e a felicitá-lo.

Fizemos as pazes. Era um extraordinário escritor. Passaram os anos, até que encontrou a sua Mulher, Pilar, de uma rara inteligência e afectividade. Adoçou-lhe a vida nos últimos anos e fez pontes com ele em diversas direcções. Uma delas comigo. Devo à Pilar ter tido um conhecimento mais próximo de Saramago e conhecê-lo para além das aparências. Um dia perguntei-lhe, abruptamente: "A Pilar foi mais importante para si do que ter ganho o Prémio Nobel?" Respondeu-me, sem hesitações: "Não tenha qualquer dúvida!"

Nos últimos anos aproximámo-nos muito. Recebi-o muitas vezes em Belém e fui, com a minha Mulher, visitá-lo a Lanzarote. Um dia, para nós, inesquecível.

A morte de Saramago representa uma perda incomparável para Portugal. Não só por ser um "prémio Nobel", o único da literatura lusófona. Lembrou-me ontem Nelida Piñon, que esteve no funeral em representação da Academia Brasileira de

Letras. Mas também pela sua dimensão como escritor e pela qualidade humana que ganhou nos últimos anos. Morreu, serenamente, nos braços da Pilar. O Povo Português prestou-lhe uma muito sentida e espontânea homenagem, bem como os seus Amigos e Camaradas. Teve um funeral nacional, que saiu dos Paços do Concelho, do mesmo lugar simbólico em que foi implantada a República, que ele sempre amou.

Lisboa, 22 de Junho de 2010